

Uma pun[kxs]ofia transviada

Léo Pimentel Souto⁸

RESUMO

Aqui proponho um filosofar desde a visualidade e os textos pós-pornô de fanzines *queers*, como *Guerrilha sexual*, *Nem macho, nem facho*, *Fuego queer*, *Nosso corpo nos pertence*, *HurraH!*, *Ludditas sexuales*, *Bash back*, *Guerrilha afetiva*, *Ediciones piedr(a) papel o tijera* e *Pornographismos*. Pensar desde que, por um lado, guarda traços de minha formação acadêmica em filosofia pela UnB, por outro, de minha vida no meio anarcopunk. Duas vias que poderiam ser articuladas como oposição dialética: academia e rua. No entanto, a relação entre elas não é dialética. É um pensar, um viver e um agir político que apontam análises mais complexas acerca do poder e da opressão que se distanciam da lógica binária da dominação: nem bem, nem mal, nem homo, nem hétero, nem homem, nem mulher, nem verdade, nem mentira. Recusa realizada, em ambas as vias acima apontadas, pelo percorrer caminhos *queers*, pós-pornôs, decoloniais e transversais: eis o que chamo de pun[k]ofia transviada. Um filosofar que tem a atitude punk, do “faça-você-mesma” e do “não há autoridade a não ser você mesma”, e a política experimental *queer* que se reapropria da pornografia como horizonte operativo. No presente artigo, trago os elementos composicionais para a realização e experimentação ensaísticas dessa pun[k]ofia transviada.

PALAVRAS-CHAVE

Filosofia; Pós-pornô; *Queer*; Punk; Decolonial.

⁸ Doutorando em Arte e Cultura Visual pela UFG.

A queer pun[kxs]ophy

ABSTRACT

Here I propose to philosophize from the visual and post-pornographic texts of fanzines queers, like *Sexual guerilla*, *Neither macho, nor facho*, *Fuego queer*, *Our body belongs to us*, *HurraH !*, *Sexual ludditas*, *Bash back*, *Affective guerrilla*, *Stone, paper or scissors editions* and *Pornographisms*. Think-since, on the one hand, it holds traces of my academic training in philosophy by UnB, on the other, of my life in the anarchopunk environment. Two ways that could be articulated as dialectical opposition: academy and street. However, the relationship between them is not dialectical. It is a thinking, a living and a political action that point to more complex analyzes of power and oppression that distance themselves from the binary logic of domination: neither good, nor evil, nor homo, nor hetero, nor man, nor woman, nor truth, nor a lie. Rejection carried out, in both ways mentioned above, by walking paths, queers, post-pornots, decoloniais and cross: this is what I call transpired pun. A philosophy that has the punk attitude, do-it-yourself and "no authority but yourself" and queer experimental policy that reappropriates pornography as an operational horizon. In the present article I bring the compositional elements for the essayistic realization and experimentation of this transcended punk.

KEYWORDS

Philosophy; Post-porn; Queer; Punk; Decolonial

Introdução

Começo com uma provocação: se sabes, perfeitamente, o que seja Filosofia, não teremos aqui uma conversa. Sei que a comunidade acadêmica de Filosofia profissionalizada tem sua definição. Conheço-a muito bem: atividade de reflexão, teoria por meios de métodos argumentativos, cuja universalidade é sua vocação, desde a tradição filosófica ocidental. E não vejo problema com ela, a não ser no caso de tal definição pretender ser a única forma possível de se fazer Filosofia. O que a tornaria mais um mecanismo de dominação. Esta, tão aperfeiçoada que se reduziria a uma mera técnica instrumental de fabricar argumentos.

No entanto, desde onde estou, o Filosofar é muitas coisas. Pois tanto nasce da diversidade das muitas formas de vida, quanto se faz importante justamente por viver entre outras formas de vida. Estar dentre a diversidade e perceber-se enquanto um diverso entre outras é sempre um ato reflexivo. Este que emerge como um tipo de saber, ou de ignorar, que tenta experienciar-se em nossa própria diversidade, em nosso diferenciar-se em meio a toda a diferença de estares-num-mundo, ou mal-estares-num-mundo. Assim, como filósofxs, trata-se de “ser mais diversx”, e não só “saber mais diversamente”.

A diversidade e a percepção de “ser mais diversx dentre diversxs” é o início de nossa conversa – aqui ressalto que tal experiência nada tem a ver com o estabelecimento de hierarquias. Em um primeiro momento, é mesmo o nível mais elementar e primário de nosso ato reflexivo. É a crueza de nosso pensar. Um pensamento cru que, por vezes, faz-se necessário por sua crueldade. E é aqui que vejo a Filosofia como a diversidade exuberante da vida diversa e autocriada do pensar. Como um grande ato reflexivo de diversificar-se e de “ser mais diversx dentre diversxs”. Quando a diversidade do pensamento se expande e percorre múltiplos caminhos e bifurcações, a Filosofia não se perde em meio a uma indefinição radical, mas sim se coloca como ato reflexivo múltiplo de desdobramentos possíveis de definições.

Neste meu horizonte reflexivo, eu proponho desenvolver um filosofar diverso e transviado. Diverso cuja crueza inicial dá-se desde o “ser mais diversx” e “estar-num-mundo” como punk: porque se realiza enquanto irrupção violenta, nada dócil, intempestiva, breve, onde é o instantâneo, o espaço-tempo que carrega o potencial das

realizações, que não vem para salvar nada, nem a si mesmo, pois seu estar-no-mundo é um violento “tirar da inércia”, por meio do faça-você-mesmx, tudo o que é linear, e que, por fim, extrai do lixo e da desesperança sua linguagem. Pun[kXs]ofia. E transviado cujo desvio, depois de se se iniciar punk, dá-se desde o “ser mais diversx” e “estar-num-mundo” como *queer*: por ser a mais impactante cultura onde os corpos e suas respectivas sexualidades múltiplas, desviantes, desnaturalizadas e desuniversalizadas são colocadas como centro irradiador de um rompimento radical com as normas socialmente estabelecidas e normatizadas de comportamento sexual e/ou afetivo. Portanto uma Pun[k(X)s]ofia Transviada.

Horizonte do transvio

A crueza da qual parte meu “pun[k(X)s]ofar transviado” não é uma pretensão de estabelecer uma definição fixa. Mas sim, é o próprio deixar-se o mais livre possível, a tal ponto de se tornar uma definição provisória, efêmera, finita e cambiante. E esse deixar-se livre é uma tarefa arriscada, pois seus desfechos podem ser imprevisíveis. Imprevisibilidade que em nada preconiza uma imobilidade. Mas simplesmente preconiza a aceitação de aspectos perigosos, problemáticos e enigmáticos do ato reflexivo que aqui proponho. E aqui emerge o desde onde pretendo pensar livremente: a visualidade e os textos pós-pornô de fanzines⁹ *queers*, como *Guerrilha sexual*, *Nem macho, nem facho*, *Fuego queer*, *Nosso corpo nos pertence*, *HurraH!*, *Ludditas sexuales*, *Bash back*, *Guerrilha afetiva*, *Ediciones piedr(a) papel o tijera* e *Pornographismos*.

Da visualidade pós-pornô, ou seja, da exposição imagética e sensível do pós-pornô, abrem-se três vias para trilhar o pensamento: a circulação das imagens mediadas pelo consumo e pela formação de identidade; a importância das práticas de corporização; e os modos como as pessoas tratam suas práticas de subjetividade e subjetivação.



“A Public Cervix Announcement” de Annie Sprinkle -
<http://anniesprinkle.org/a-public-cervix-announcement/>

⁹ Como trabalharei este artigo tendo base tão somente em fanzines, farei as devidas referências deles tal qual se faz com livros.

De seus textos, ou seja, de se refletir mediante a escrita, antes de tudo, acaba-se com a hegemonia da linguagem (práticas e teorias inseparáveis da vida cotidiana) e da significação (os termos são criados, desenvolvidos, recriados e morrem nas ruas¹⁰). É desconstrução da normatividade e criação de uma multiplicidade de agires. Com isso, dá-se início ao horizonte da representatividade tanto como apontar uma realidade específica, quanto o modo como tal é criada e/ou falseada.

Desde nossa infância fizeram-nos sentir vergonha de nossos corpos. Em primeiro lugar, nos proibiam de nossas masturbações com discursos médicos absurdos; somos proibidos de colocar os cotovelos na mesa; somos proibidos até mesmo de ficarmos nus. Somos criados para sentir vergonha de nossos corpos porque eles traduzem nossos desejos, mesmo quando não ousamos a verbalizá-los. Nos é dito: submeta-se à sua carne – use gravata, cuecas e sutiãs, faça a saudação militar, corte a grama, não se sente na sala do chefe, permaneça sentadx na sala de aula... (HOCQUENGHEM, 2012).

Experimento 01 de pun[k(x)s]ofia transviada

Da leitura dos conteúdos escritos nos zines *Nem macho, nem facho, Fuego queer, Nosso corpo nos pertence, HurraH!, Ludditas sexuales, Bash back, Guerrilha afetiva e Ediciones piedr(a) papel o tijera*, compus o esboço para uma Pun[k(X)s]ofia Transviada. Esta pode ser considerada, a totalidade do *continuum* entrecruzado do fluido histórico pessoal e do fluido histórico coletivo articulado lógico e afetivamente.

Do fluido histórico pessoal:

Deseo entregarme sin reservas, y perderme: ser artifex de mim misma: jubilosa creadora por médio de una indiferencia brutal del futuro. Me abro al juego incierto del azar que se me propone y afirmo el presente: si el poder es algo, la soberanía no es nada más y nada menos que poder perder, renunciar y reivindicar la dimensión lúdica y estética de la existencia corporal (SEXUALES, 2011).

Do fluido histórico coletivo:

Na nossa revolta, estamos desenvolvendo uma forma de jogar. Esses são os nossos experimentos em termos de autonomia, poder e força. Nós não pagamos por nada que estamos vestindo e raramente pagamos por comida. Roubamos do nosso trabalho e fazemos umas maracutaias para sobreviver. Nós transamos em público e nunca gozamos tão gostoso. Compartilhamos dicas e fraudes em meio a fofocas e akuendações. Nós saqueamos a porra toda e temos prazer em compartilhar a recompensa. [criminal inimacy] (EANELLI, 2011).

¹⁰ Como, por exemplo, a palavra “*queer*”: anteriormente utilizada de forma ofensiva, mas adotada e recolocada pela comunidade LGBTTQ como um denominador afirmativo de ruptura com a heteronormatividade.

Do entrecruzamento entre estes dois fluidos históricos, traço aqui um primeiro experimento, por meio dos textos, desse contínuo. Já o segundo experimento, farei por meio das imagens.

Momento 01: estar-diversx como mal-estar-num-mundo

Estar-diversx é, primeiramente, um mal-estar profundo.

Uma bicha é surrada porque sua apresentação de gênero é muito feminina. Um homem-trans pobre não pode pagar por seus hormônios vitais. Um(x) profissional do sexo é assassinadx pelo seu cliente. Um(x) pessoa queer é estupradx porque elx ‘só precisava de uma foda corretiva’. Quando lésbicas negras são enviadas para a prisão por se atrever a defender-se contra um atacante cis-hétero. Policiais nos espancam nas ruas e nossos corpos estão sendo destruídos pelas companhias farmacêuticas porque não podemos dar-lhes dez centavos (EANELLI, 2011).

Mal-estar profundo por destruir a ordem de Deus, seja este o Deus material da produção, do espetáculo, do mercado e do capital, seja este o Deus imaterial da individualidade e do desejo (única sexualidade, única libido, de estrutura forte, discriminante e centrada na materialidade do corpo eleito como normal). E assim, *estar-diversx* é romper com as determinações de nossas famílias, estas células bases da sociedade que nada mais é do que “la mirada moral omnisciente y omnipresente sobre nuestras vidas” (SEXUALES, 2014). Rompimento cujo nosso grau de sensibilidade nos faz entender que *estar-diversx* é estar condenadx a viver uma de vida em rebeldia, em uma permanente revolta *queer*.

Momento 02: estar-diversx dentre outrxs estares-diversxs

Ao romper com a família e com a sociedade, ou melhor, ao transcender os limites naturalizados de ambas, uma terceira ordem a se contrapor é a sociabilidade mediada por uma economia afetiva da heteronormatividade: *casal-hétero-monogâmico-apaixonado-com-filhxs-legítimxs-humanxs*. Esta que se apresenta como cosmologia, como criação e replicação daquele um-mundo que se quer para nós como destinação por condenação: heterossexualidade como regime político. Ruptura que exige outras relações de cumplicidade alternativas ao “autismo voluntário a dois”, ou seja, ao casal: “*O casal, dentre tudo que nos resta na economia afetiva do heterocapitalismo, representa e incorpora a única forma possível de construir e reproduzir a vida, o futuro*” (TRANSLESBICHAS, 2014). Outras relações de sociabilidade devem ser inventadas e

realizadas experimentalmente, expressões própria do estar-diversx dentre outrxs estares-diversxs: sociabilidades de coautoria e camaradagem contrassexual mais assustadora do que a própria homossexualidade. A prática aqui consiste em realizar novas cumplicidades, realizar múltiplas contraconjugalidades para além da genitalização e de sua estratificação:

¡Soy una lesbiana feminista antiautoritaria y anarco-comunista! ¡Estoy comprometida en una guerrilla urbana y dispuesta a dar mi blanca vida si fuese necesario! Como dijo nuestro hermano y camarada George Jackson: “Debemos unirnos, entender la realidad de nuestra situación, entender que el fascismo todavía está aquí, que la gente todavía se muere sin nadie que la salve, que generaciones morirán o vivirán medias-vidas destrozadas si nos equivocamos en nuestros actos
Amor y rabia –Fuego y Humo.
Rita. 21 de febrero de 1978 (VÁRIOS, 2014)

Momento 03: estar-diversx com outrxs estares-diversxs

Aqui é, propriamente, o momento do refletir sobre ações, aprender com erros e reconhecer conquistas. O momento do “com” é a própria condição de sobrevivência. Pois conecta formas de vidas desviantes, cuja conexão se estabelece como uma espécie de laboratório ético-político, ao mesmo tempo, de desconstrução e de construção sobre escombros. Laboratório violento e cru, pois ousa desafiar a hegemonia pacifista e a quase obsessiva obediência à autoridade e à polícia. É preciso reagir violentamente, de modo individual e coletivo, contra toda a violência recebida ao longo da vida. Reação violenta que nada mais é do que devolver na cara da sociedade a realidade da violência no contexto de cada estar-diversx:

O uso cotidiano da violência por parte de queers, com propósito de sobrevivência, autodefesa e vingança é muitas vezes silenciado e obscurecido por toda uma gama de dispositivos de armário. Gerações inteiras de gangues de rua queers, comunas de putas armadas, corridas bancárias para apoiar vítimas da AIDS e bichas arremessadoras de tijolos – foram esquecidas por todxs; a não ser na forma de mitologia herética, passada de amante para amante (EANELLI, 2011).

“Estar-diversx com outrxs estares-diversxs” é insurgência contra qualquer destinação totalizante da história (colonialidade), da realidade social (heteronormas), da cultura (capitalismo), da linguagem (semiótica sexo-política: pornografia, por exemplo) e dos fenômenos subjetivos (conjunto de normas ou acordos sociais anteriores a qualquer desejo). É insurgência contra as tendências que universalizam de imediato a criação/invenção/composição de estares-diversxs. É um mover-se com explosivos pronto

para qualquer implosão: “*Se você quer um capitalismo queer, por favor, fique em casa.*” (EANELLI, 2011).

Momento 04: pós-pornô-grafistas

É preciso ver, criar visibilidade, observar formas-ataques: visualidades que desestabilizam identidades estáticas; que se mostram como livre disposição de nossos corpos; que rompem com o conformismo sexual (sexualidade reduzida ao coito). Criar, inventar, compor desde um conflito reflexivo dramatizado (dramas pessoais, dissenso e política) entre o sujeito deslocado da pornografia, e a multiplicidade de sujeitos possíveis que insurgem sexualmente. Experimentação crua, indigesta, aberta ao risco, que desmistifica conceitos, desontologiza sexualidades, e nos alerta sobre a sobremitificação de mitos usados, tanto pela cultura “nativa” quanto pela cultura globalizada, para fins de oprimir corpos e ideias. Pós-pornografia: ruptura com o pornô comercial se pondo como ato de uma autogestão positiva e reivindicativa, e produção contra-hegemônica que se coloca como uma nova produtora de relações e não simplesmente a produção de novas imagens. O que aqui insurge em relação ao pornô não é tão só o que se mostra, mas sim como se mostra. Pós-pornô-grafista: usa tudo aquilo que estrutura audiovisualmente a imagem, como os planos e os enquadramentos da câmera (fotográfica e filmadora), e a edição, de modo a desprogramar a visualidade imposta pela indústria pornográfica comercial:

pensar un posporno situado no sólo implica problematizar y descolonizar los contenidos sino también los espacios de circulación, la difusión, los artistas reverenciados, las formas de intervenir el espacio público, la relación entre artistas, obras y espectador al que queremos interpelar. En una frase: re-pensar la relación entre sexualidades, arte y política. [Cavallero y Castelli] (ZINE, 2012).

Experimento 02 pun[k(x)ofia transviada: das visualidades pós-pornô em aforismos

1. Fanzine: meio de comunicação libertário por excelência. Pois é o meio onde se é diretamente responsável pela produção do conteúdo, pela sua circulação e ainda por compartilhar seus "lucros". Ah, e falando nisso... Alguém já sonhou em ganhar a vida fazendo fanzine? Se sim, isso não é mais fanzine, apesar de parecer com um.

2. Cuidado com o patriotismo e com a moral da família: estas duas grandes escolas da calúnia e da vingança contra a realidade. É por meio destas artes da guerra que retroagimos a estágios da cultura que já se superou, ou que pelo menos, já se sobreviveu.

3. O que é um conservador se não um gritalhão desesperado por nos atrasar? Sua tragicomédia é ter a certeza absoluta de que o único que ele pode fazer é tentar ganhar tempo, aos gritos e às cotoveladas, sobre o inevitável; é saber que não passa de um atrasadorzinho de merda; que seu mundinho só tem efeitos de realidade absoluta; que sua vida não passa de uma repetição estilizada de atos vazios querendo ter substância alguma. E nem um pouco sinto lhe informar que jamais tiraremos o pé do acelerador! E que se não sair da frente será atropelado pelas nossas destinações insurgentes!

4. Quantas pessoas ingênuas! Quantas pessoas supersticiosas! Não só acreditam em deuses antigos, como o "bem em si" e o "mal absoluto", como também acreditam em deuses mais jovens e inexperientes como o "divertido em si" e o "chato absoluto".

5. Bem sabemos que não há despreparo algum por parte da puliça. Estão sim, fazendo com maestria, em todos os cantos do planeta, o que são treinados pra fazer.





6. É preciso emancipar o/a indivíduo da noção mesma de indivíduo. Pois não há nada, absolutamente nada, que seja mente, espírito, alma, coração, em cada umx de nós que seja indivisível. Muito menos há na fictícia realidade dxs deusxs, na fictícia realidade da natureza e na fictícia realidade dos tecnocratas. Nos desencantemos! Não somos átomos. Somos moléculas. e como tais nosso fazer emancipatório é simples; basta-nos uma atitude cooperativa combativa, compassiva, criativa, firme, igualitária e livre. Aqui e agora.

7. Sim! É carnaval! Mais uma data para fazermos de nossa carne um campo de insurgência. Festa da carne insurgente que insurge contra o inimigo que deve ser destruído nesta festa: a mercantilização! O carnaval não é o problema! Sua mercantilização, sim! Nossa carne contra o capitalismo! destruamos cada toque, alegria, desfile e fantasia da mercantilizado.



8. Assim, certa vez, certo filósofo disse: "transvaloração dos valores". Um belo projeto, mas é hora de acrescentar-lhe mais empoderamento. O prefixo "trans" de transvaloração deve ser potencializado com sua *queer* interior. Assim transvaloração se empodera como valoração desviante, que não quer ser integrada, muito menos tolerada. Transvaloração que não aspira ao centro. Que assume o desconforto da ambiguidade. Uma transvaloração estranha que incomoda, perturba, provoca e fascina. Queervaloração dos valores já!

9. A sexualidade precisa ser uma guerrilha de desnaturalização insurgente. Tal é sua prazerosa graça e malefício subversivo. Graça por desvelar, com prazer, a pseudonatureza dos espaços privilegiados de uma sexualidade normativa; malefício, ao subverter a normalização revelando que toda natureza é postíça. e assim, quanto mais uma

sexualidade se quer norma evocando a natureza, mais a própria natureza revela-se inexistente.

10. Ah... O empoderamento... Somente é um belo processo de emancipação se for exercitado com boas doses de desprivilegiamento. Caso contrário, é só outro projeto de poder, com o mesmo desejo de chegar a vez de governar e oprimir – ainda que seja em pequenos grupos!



11. Na mais tenra idade, a menina e a criança *queer* já se veem obrigadas a desenvolver táticas de sobrevivências em meio a tantos olhares de odiosos machos. E quando se tornam adultas, de maneira primorosa são elas quem mais lutam em qualquer que seja o movimento social. Se "punk is not dead", se ser anarquista não é ser um animal em extinção, e se hackear não se resume a montar kits chineses, é porque há uma queeridade punk, anarquista e hacker resistindo bravamente para re-existir orgulhosamente!



12. Máxima: jamais dar visibilidade aos delírios racistas, homofóbicos, transfóbicos, machistas ou de toda essa idiotia direitosa preconceituosa e conservadora que por aí circula livremente. No entanto, manter, permanentemente, a temporada de caça a seus respectivos delirantes. Para que devolvamos em liberdade de nossas ações todo o engodo e esgoto dessa liberdade de vossas expressões.

13. Quanto engodo e esgoto há por baixo de uma farda? Quanto prepotente delírio há ao se vestir um uniforme? Cada pessoa fardada, simbólica ou efetivamente, apenas rebaixa o nível da espécie humana. Portanto, só a desobediência civil, o desacato à autoridade, o meu mais profundo desprezo e o mais ativo desrespeito posso lhes dirigir!

14. "Cultura do estupro"? Não. Infelizmente não! A coisa é muito mais perversa! Vivemos toda uma civilização do estupro! Em nosso caso, esta tortura sexual foi o próprio ato que deu origem ao povo brasileiro! Miscigenação colonial! Assim, cada símbolo

nacional é uma lembrança dos "estupradores primordiais" que invadiram estas terras. E cada macho "brasileiro" que ocupa uma função de poder, seja no Estado, na religião, ou seja, no dia a dia social, lhe presta homenagens. Basta! Já passou da hora de cortarmos a pica de cada macho que tenha a menor vontade de poder sobre a vida e os corpos alheios!

15. Não posso levar a sério nenhum/a filósofo, pensador/a ou intelectual que não lave sua própria louça; de igual medida, não posso dar valor algum à arte de um artista que não lava sua própria roupa! É no gesto de limpar um banheiro, varrer uma casa e cozinhar que nascem as melhores, as mais subversivas e criativas ideias! O resto é filosofia e arte da casa grande!

16. Ora ora... Acabei de esbarrar com uma quimera que eu achava que já estivesse extinta: o anarcomacho! Pois bem, antes de lhe cortar a pica fora, tenho pra ti um recadinho: anarquistas patriarcais e cisnormativos não passarão! Ou a anarquia é negra, indígena, cigana, trans, travesti, drag, lésbica, bicha, puta, vadia, mulher, afeminada, ou não será anarquia!

17. Enfim: de que adianta! Não resta nenhum outro meio de reabilitar a humanidade: primeiro é preciso cortar muita pica! Enquanto esses machos continuarem discursando sobre "cagar regras", "feminazi" e "equivalência". Há de se realizar hecatombes maiores contra seus assédios, piadas, violações, racionalidade e desejos. Há de fazê-los sentir muito medo das declarações de guerra contra suas morais e valores: sei que isso há de custar muitas castrações, eis o que prometo!

18. Se a família é a célula mater de nossa sociedade, precisamos urgentemente de uma outra coisa para um mundo melhor! - e/ou ainda: se a família é a resposta, a pergunta deve ser muito idiota!



19. Não! Eu não sou um indivíduo! Muito menos sou único! Sou um múltiplo coletivo de vandalistas!

20. Ah... Houve um tempo em que falar pouco foi a maior das virtudes. Ainda a aprecio. No entanto, este tempo

passou. Hoje são tempos para que coloquemos em cada palavra uma blasfêmia, uma insurgência e um tsunami. Pois são tempos para destruir as duas faces da tirania atual: o fundamentalismo religioso e a democracia liberal.

Considerações espirais

O presente artigo mostra um trecho de uma trajetória de um filosofar. Esta que acaba por se transformar a partir daquilo que se coloca a pensar, Pun[k(X)s]ofia Transviada, ao mesmo tempo em que se transforma a partir daquele que assume os riscos de tal transformação – o presente autor. Curioso ato transformador que pode encontrar má vontade em quem é impermeável ao horizonte ao qual se pensa, cuja preferência é a própria acomodação naquilo que já se pensou até então, ou mesmo, a acomodação nos próprios preconceitos. Acomodações estas que se apresentam às formas costumeiras da dissertação e da pesquisa bibliográfica. Para a pessoa que se põe a pensar desde as mesmas coordenadas referenciais habituais, é muito fácil compreender um texto construído a partir de uma rigorosa arquitetura bibliográfica de citações. Compreensão esta que está baseada, porém, em um longo exercício aprendido como atividade profissional por longos anos. Neste horizonte, um fanzine, uma publicação nem oficial, nem profissional, mas realizada a partir da paixão sobre o tema a que se propõe publicar, não é obra suficiente para questionar as próprias acomodações. Aqui, assumi o risco de compor um filosofar a partir de tais publicações.

Pensar a partir da seleção textual e imagética mediadas pela paixão faz aflorar, criativamente, um pensamento confeccionado por outras ordens lógicas, não menos rigorosas. É um relacionar-se por outras profundezas e intensidades ao pensamento, a outro ato reflexivo. Ao mesmo tempo em que se presta homenagem a quem compôs o fanzine, se toma seu conteúdo como algo que serve para se seguir avante no pensar, no refletir e no criar. Do filosofar sobre o punk, se impermeável, pode se compor uma filosofia punk; caso contrário, ocorre uma transvaloração profunda entre ambas. Torna-se, portanto, uma Pun[k(X)s]ofia. Do Pun[k(X)s]ofar sobre o pós-pornô, se impermeável, pode se compor uma Pun[k(X)s]ofia do Pós-Pornô, caso contrário: Pun[k(X)s]ofia Transviada!



Referências bibliográficas

- EANELLI, T. *Bash Back! Morreu, Bash Back! Para sempre!* São Paulo: Translesbichas, 2011.
- HOCQUENGHEM, G. *Nosso Corpo nos Pertence - Três textos de Tout.* São Paulo: Translesbichas Zines, 2012.
- HOCQUENGHEM, G. *Três textos de Tout.* São Paulo: Translesbichas Zines, 2012.
- SEXUALES, C. L. *Julgás?* Buenos Aires: Luddismo Sexual, 2011.
- SEXUALES, C. L. La Barabárie comienza en casa. In: LOBXS, M. D. *Foucault para encapuchadas.* Buenos Aires: Milena Caserola, 2014. p. 79-99.
- TRANSLESBICHAS, C. *Guerrilha Afetiva.* São Paulo: Translesbichas, 2014.
- VÁRIOS. *Fuego Queer: La brigada George Jackson contra el sexismo y la lucha gay contra la prisión.* Bloomington: Untorelli Press, 2014.
- ZINE, A. *Gay, Mujer y Punk.* Barcelona: Abulia Zine, 2012.

Referências visuais

ALEXANDRA, Alda; MARQUES, Dani. *Pornographismos*. Goiânia, 2017.

Guerrilha Sexual 01 – contato: phedropan@yahoo.com Salvador - BA Nov/2007

Guerrilha Sexual 02 – contato: phedropan@yahoo.com Salvador - BA Nov/2007

Guerrilha Sexual 03 - contato: phedropan@yahoo.com Salvador - BA Nov/2007.